

# Paul Auster – Canção dos graus

Nos terrenos baldios  
do solstício. Na luz  
que apostaste contra o cascalho  
da reverência pânica. Morros de areia:  
vomitada em oração – a distância  
comprada  
em teu nome.

Tu. E então  
de novo tu. Uma pegada  
cede terreno: o que é mais  
não há mais: nada  
jamais foi  
bastante. Tendas,  
erguidas e quedas: escada  
apoiada  
em descanso de pedra: diáfanos  
degraus auréolos  
de fogo. Tu,  
e então nós. A terra  
não pede  
ninguém.

Assim  
seja. Tanto  
melhor – tantas  
palavras,  
recolhidas e murmuradas no caminho  
de teus joelhos beduínos, não vão  
por mágica te pôr em casa. Nem  
se rastejasses de dentro da pele  
de teu irmão  
irias além

do que respiras: anjo  
nenhum pode curar-te  
de teu nome.

Mínimos. Memória  
e miragem. Em cada lugar  
em que paras para respirar,  
ergueremos uma cidade a tua volta. Pelo muro-  
-crivo de estrelas  
que se ergue em tua noite, tua alma  
não passará  
novamente.

Paul Auster, Todos os Poemas